

Registro de aniversário em tom de necrológio

Luiz Gutemberg

Não sei se já perdi o bonde desse ótimo assunto, o aniversário do presidente já passou há tantos dias, mas estava envolvi- do pela roda viva do lançamento, dia 27, do livro "Quem é... Pedro Simon", que escrevi para as Edições Dédalo.

O certo é que o li os jornais em casa, muito cedo, e não tive tempo, no mesmo dia, de comentar com ninguém os insólitos registros dos 70 anos do presidente Fernando Henrique Cardoso. Mas estão aqui os re- cortes e a primeira idéia que me ocorre seria macabra se não fosse irônica. Os cronistas espe- cializados - sim, porque certamente os jornais pediram aos seus repórteres ou redatores que seguem os passos de FHC que escrevessem os registros de aniversário - escreveram-lhe textos como se fossem necrólógiros.

Uma loucura, pelo tom e, até certo ponto, pela grosseria. Mas, acima de tudo pela inade- quação. Para começar, FHC não está caindo, não é um go- verno em liquidação e muito menos tem sua autoridade ins- titucional desgastada.

Fiquei com a impressão de que, entre os muitos equívocos e misturas de alhos com bugalhos, os registros dos 70 anos do presidente confundiram sua biografia e, principalmente, o estágio do seu prestígio político, com o fato sensacional - e o sensacionalismo é a doença infantil do jornalismo e nunca me esqueço de que sou um repórter - da queda brutal de populari-



Luiz Gutemberg

dade. É incrível que esteja abaixo dos 30% de simpatia popular um homem que, por duas vezes, uma das quais há pouco mais de dois anos, venceu eleições presidenciais no primeiro turno.

Na verdade, a grande des- graca de FHC foi perder o glamour com que a esquerda - e só a esquerda é capaz dessa outor- ga no Brasil - o adornou a vida inteira, até que se tornasse pre- sidente da República. Como numa excelência que ouvi cantar numa noite de Sexta-Feira Santa, na Bica da Pedra:

"...quem tira o que dá não rouba/ quem deu a vida e graça dá o ranço a trstesa, amém."

O glamour era uma graça especial da esquerda, que a reti- rou. Sem dúvida um grave des- sastre em termos de mídia. O empenho com que há oito anos seus ex-colegas, e certamente ex-amigos, da USP e do Cebrap o acusavam de marxista défro- qué, parece finalmente ter pro- duzido conseqüências. O carim- bo de neoliberal com que se atinge os liberais e conservado- res (porque chamá-los do que são efetivamente não é insulto, mas chamá-los de neoli- beral, é) finalmente colou em FHC. E sem ser considerado

"de esquerda" fica difícil ter boa imprensa.

Por paradoxal que seja, é possível que tenham sido os ataques de Antônio Carlos - quem diria, logo ACM, cujo apoio era considerado pelas esquerdas a mais espúria ligação do gover- no - que precipitaram essa per- da. De qualquer forma, as coi- sas coincidiram. Trata-se de uma situação irreversível. Era um encanto e como toda mágica, acabou.

Depois, as oposições - que antes eram apenas o PT, abso- lutamente hegemônico nas es- querdas brasileiras, e hoje in- corporaram toda gama de políti- cos que vislumbram chegar ao poder aproveitando-se da que- da de popularidade do Governo - conseguiram pespear no go- verno todas as pechas da moda: do vago antiético ao incompe- tente da crise energética e, principalmente, ao "desgastado na base parlamentar".

Junte-se a isso os efeitos da crise Argentina; o admirável oportunismo dos especuladores do mercado financeiro; a debâ- cle da seleção de futebol e a descoberta da fome no Brasil pelo Jornal Nacional. O humor nacional foi tocado em todas as cordas da sua sensibilidade e FHC jogado no centro da cena para encarnar as culpas.

Autosuficiente, vaidoso, confiante no seu talento indis- cutível, na sua cultura - até en- tão também indiscutida, atesta- da por seus títulos acadêmicos, mas até seu texto mais famoso é agora glosado pelo Millor no JB - e na sua boa estrela, pare- cia impossível que Fernando Henrique enfrentasse esse mo-

mento. Até coisas estúpidas, clara obra de banditismo, como o Dossiê Cayman, já franca- mente desmoralizadas, apare- cem em comentários, com reti- cências perversas do tipo "não sei não, não sei não".

Posto tudo isso, porém, ob- servamos que se trata de round típico do que se convencionou chamar de política. Uma situa- ção absorvida pelo também chamado jogo democrático. Um acidente de percurso na carreira de um líder ou uma preliminar da sucessão presidencial de 2002, que todo governo tem a pretensão de determinar quan- do começa, mas que nem os mi- lítares conseguiram impedir que se antecipasse.

O impressionante é que, sendo esta a situação - que procurei fixar da maneira mais clara possível - as pessoas confundam a questão da ima- gem do presidente com uma crise institucional.

Nada disso, tirante seu Ibo- pe, ou seu Vox Populi, eventual (mas que como uma gangorra, assim como descem, sobem), ou a perda do glamour esquerdis- ta, FHC é presidente constitu- cional, detém intactos e com- pletos seus poderes (nem mais, nem menos) e não está ameaça- do de deposição. Ou seja, comple- tou 70 anos, está vivo. O tom de necrológio, talvez até involun- tário dos registros, devia re- gistrar o fim do seu glamour es- querdistas. Mas, "quem tira o que dá não rouba, vida sempre foi dele, amém". Deram-lhe, tiraram-lhe. Amém.

Luiz Gutemberg é jornalista. E-mail: luizgut@uol.com.br